



CAPÍTULO 2

ANNUNCIATA DE PALERMO E AS MULHERES BIBLIOTECÁRIAS

ISABEL PEREIRA LEITE

Capítulo 2 - Annunciata de Palermo e as mulheres bibliotecárias

The Annunciata of Palermo and women librarians

Isabel Pereira Leite



Figura 2.1. Annunciata de Palermo

Fonte: <https://www.palermoviva.it/lannunciata-palermo/>

Em 2020, na Agenda que, como sempre, a Biblioteca Apostólica Vaticana prepara para o ano seguinte (2021), registava Tolentino Mendonça:

Não é possível escrever a história da Biblioteca dos Papas sem destacar a contribuição das mulheres: mulheres escritoras, mulheres artistas, mulheres teólogas, mulheres protagonistas da vida da Igreja, mulheres mecenas, mulheres criadoras, mulheres de ciência e de cultura. E assim continua a ser hoje. Basta pensar que bem mais da metade da comunidade de trabalhadores que faz funcionar a Biblioteca Apostólica Vaticana é constituída por mulheres¹.

¹ Tradução da autora.

Pouco antes, em 2019, fora apresentada uma belíssima obra à qual Michele Feo, seu autor, chamou “Cosa leggeva la Madonna: quasi un romanzo per immagini”. Tolentino refere-a no prólogo da Agenda, que “L’Osservatore Romano” reproduziu, no dia 13 de novembro de 2020.

É uma das mais interessantes e cativantes obras que conheço. Numa abordagem detalhada (Mendonça, 2020), Feo refere a Madonna de Antonello da Messina (1425(?) - 1479) e o fascínio que nele exerce essa representação. Trata-se, na verdade, da Annunciata di Palermo (1475). De facto, esta é uma das muitíssimas representações de Maria segurando um livro, com um livro no regaço, lendo, com um livro na sua frente ou pousado perto de Si, que, desde o século IX, existem.

Uma Anunciação tão fora dos cânones, sem a presença do Anjo, não suscita uma única abordagem, mas antes várias leituras. O autor prefere que cada um decida por si. O que é que exprime o gesto de Maria? Perante a surpresa do que intui, quando lê a profecia de Isaías, interroga-Se: serei eu a eleita? Mas não. Porquê eu? E, pensativa, ciente da magnitude do que está para acontecer, faz um gesto que, mesmo sereno como a sua própria expressão, de olhos profundos, será, até, enigmático. Sim, serei eu a Mãe do Filho de Deus! Talvez não devesse...

Que é o Magnificat que aparece no livro aberto, que aqui assume papel relevante, foi a conclusão a que chegou, em 2015, uma equipa de cientistas e técnicos coordenada por Giovanni Taormina, da Universidade de Palermo. Maria ouviu já o Anjo. Aceitou, surpresa, a mensagem e, com toda a serenidade da Sua consciência, acolhe em Si esse Mistério extraordinário. O gesto acompanha o pensamento e o livro revela-nos o Magnificat. Este será, assim, o instante seguinte à Anunciação. Portanto, todos os tempos convergem numa sala do Palazzo Abatellis, em Palermo, na presença de uma jovem mulher, que tem diante de si um livro aberto. Que outras leituras poderemos fazer dessa conjugação extraordinária, radicada numa expressão profundamente simbólica?

Os entendidos, imbuídos de ciência e de conhecimento, fazem-nas há séculos e séculos. Eu, que sou apenas uma bibliotecária que tem o dom da Fé e não é capaz de viver sem livros, assumo a minha liberdade e atrevo-me. Atrevo-me a ver a Biblioteca - a de Cícero, a do Rei Matias, a de Borges ou qualquer outra - como o

lugar onde, à semelhança do que acontece hoje, no Palazzo Abatellis, passado, presente e futuro convergem, infinitamente, tal como o Mistério é infinito.

Na maior parte das bibliotecas que conheço nos quatro continentes - e são já centenas -, encontro, sobretudo, mulheres. É um facto. Hipátia, na Antiguidade, foi a única entre sábios. Às grandes bibliotecas de então, e da Idade Média, do Renascimento e dos séculos seguintes, até finais dos anos 80 do século XX, associamos, essencialmente, homens doutos, célebres e celebrados.

Bastaram, todavia, algumas décadas para que, no Ocidente, as mulheres passassem a ser as Guardiãs do Templo. Direi Templo, pois que outra coisa não é a Biblioteca senão a casa de todos os saberes, de todas as letras e caracteres, de tudo quanto, sem princípio nem fim, é marca?

Tolentino revela que bem mais da metade da comunidade de trabalhadores que faz funcionar a Biblioteca Apostólica Vaticana é constituída por mulheres. Pensemos nas grandes bibliotecas nacionais, regionais, universitárias; nas bibliotecas patrimoniais, centenárias ou construídas já neste milénio. O que cada mulher tem aportado de si é, com certeza, muito diverso. Advém do exercício dos seus cinco sentidos. Seis, aliás, porque a intuição, que é muito mais delas do que de qualquer homem, consegue fazer do presente futuro, sem muito esforço.

O que é preciso é que esse exercício seja conhecido. Dizia Marguerite Durand (1864-1936) que nada se sabia da admirável atividade das mulheres, e que, mesmo as feministas, ignoravam três quartas partes do que tinham feito, em todos os domínios das preocupações humanas, as suas antepassadas, as suas mães ou as suas contemporâneas. A partir do século XX, as mulheres assumem cada vez mais papéis de enorme relevância no mundo das bibliotecas. Assumem-no, sobretudo, na área da gestão; menos, na área tecnológica. Ainda hoje é uma tendência que se verifica.

Posso começar por referir Maria José Moura (1937-2018), bibliotecária portuguesa que criou e dirigiu o programa da Rede de Bibliotecas Públicas. Entre outros cargos que assumiu, foi diretora dos Serviços de Documentação da Universidade de Lisboa; diretora do Serviço de Bibliotecas do Instituto Português do Livro e das Bibliotecas e presidente da BAD (Associação Portuguesa de Bibliotecários, Arquivistas e Documentalistas).

Maria Moliner (1900-1981), bibliotecária e linguista espanhola, foi diretora da Biblioteca da *Escuela Técnica Superior de Ingenieros Industriales de Madrid*. Dedicou grande parte da sua vida a uma obra ainda hoje de referência, o *Diccionario de Uso del Español* (1966-67).

Heloísa de Almeida Prado (1912-1989), bibliotecária brasileira, foi diretora da Biblioteca da Universidade Mackenzie de S. Paulo e criou a Tabela PHA, recurso incontornável para a organização de bibliotecas em todo o mundo.

Martine Poulin (n. 1948), bibliotecária e socióloga francesa, foi diretora da Bibliothèque de l'Institut National d'Histoire de l'Art; diretora do Mediadix (*Centre Régional de Formation aux Carrières des Bibliothèques - Université de Paris/Nanterre*) e chefe de redacção do *Bulletin des Bibliothèques de France*.

Caroline Brazier (n. 1958), bibliotecária britânica, foi diretora (Chief Librarian) da *British Library*; membro da comissão executiva da *Conference of European National Librarians* e da *Society of College, National and University Libraries*, organismo que representa todas as bibliotecas universitárias do Reino Unido e da Irlanda.

Barbara Lison (n. 1956), bibliotecária alemã, foi diretora da *Stadtbibliothek Bremen*; presidente da *Deutscher Bibliotheksverband*, organização que congrega as associações de bibliotecas alemãs e presidente da IFLA (International Federation of Library Associations). Carla Diane Hayden (n. 1952), bibliotecária americana, diretora (Congress Librarian) da *Library of Congress*, foi a primeira mulher e primeira cidadã afro-americana a ocupar tal cargo; presidente da ALA (American Library Association) e diretora da Enoch Pratt Free Library (Baltimore).

Eis sete exemplos de bibliotecárias que, numa brevíssima e muito reduzida apresentação, ajudaram, e continuam a ajudar, a mudar o mundo. O seu universo de ação não podia ser mais abrangente e transversal. É que sem livros, o mundo não era nada.

Referências Bibliográficas

- Biblioteca Apostólica Vaticana. (2020). *Agenda Daily Planner 2021*. Vaticano.
- Feo, M. (2019). *Cosa leggeva la Madonna? Quasi un romanzo per immagini*. Edizioni Polistampa.
- Golub, E. M. (2009, outubro). Gender divide in librarianship: Past, present and future. *Library Student Journal. Sapienza - Università di Roma*. Recuperado em 10 de fevereiro de 2024, de: https://corsidilaurea.uniroma1.it/sites/default/files/gender_divide_in_librarianship.pdf
- Gruppo Arte 16. (2018). *Il mistero dell'Annunciata: Analisi ed interpretazione del capolavoro di Antonello da Messina*. I Libri di EMIL.
- Mendonça, J. T. (2020, 13 de novembro). La donna e il libro. *L'Osservatore Romano. Città del Vaticano*. Recuperado em 10 de fevereiro de 2024, de <https://www.osservatoreromano.va/it/news/2020-11/quo-63/imprescindibile-presenza-femminile.html>

